



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ALTAMIRA
FACULDADE DE ETNODIVERSIDADE
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO
LINGUAGENS E CÓDIGOS

**EXPERIÊNCIAS DE LEITURA E SUPERAÇÃO: SOBRE O IMPROVÁVEL
ENCONTRO DE UM JOVEM DO CAMPO COM A LITERATURA**
Genicléia de Jesus Souza

Brasil Novo – Pará
Julho / 2019

GENICLÉIA DE JESUS SOUZA

**EXPERIÊNCIAS DE LEITURA E SUPERAÇÃO: SOBRE O IMPROVÁVEL
ENCONTRO DE UM JOVEM DO CAMPO COM A LITERATURA**

Trabalho apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura em Educação do Campo/Linguagens e Códigos pela Universidade Federal do Pará/Campus de Altamira, sob a orientação da professora Raquel Lopes.

Brasil Novo – Pará
Julho 2019

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo (a)
Autor (a)**

S719e Souza, Genicléia de Jesus
Experiências de leitura e superação: sobre o improvável encontro de um jovem do campo com a literatura / Genicléia de Jesus Souza, Raquel da Silva Lopes. — 2019.
XXII, 22 f.

Orientador (a): Prof^a. Dra. Raquel da Silva Lopes
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Faculdade de Etnodiversidade, Campus Universitário de
Altamira, Universidade Federal do Pará, Altamira, 2019.

1. Educação do Campo. 2. Literatura. 3. Escola.
4. História de vida. I. Título.

CDD 370.91734

“A persistência é o caminho do êxito”.

Charles Chaplin

SOUZA, Genicleia de Jesus. **Experiências de leitura e superação: sobre o improvável encontro de um jovem do campo com a literatura.** Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Pará/Campus de Altamira. Curso de Educação do Campo. Altamira, 2019.

RESUMO

Resumo: Este artigo apresenta elementos da surpreendente e improvável experiência de leitura literária de um jovem do campo. Os dados foram coletados por meio da metodologia “História de Vida”, com realização de observação e entrevistas. Os resultados de um estudo apontam a importância do acesso à literatura para o desenvolvimento de sensibilidade estética e existencial; apontam igualmente a importância da escola na democratização do acesso a bens culturais, como a literatura, e a centralidade do papel do professor como intermediário entre os alunos e a cultura escrita.

Palavras-chave: Educação do campo. Literatura. Escola. História de vida.

INTRODUÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso traz a história do encontro de um jovem do campo com a literatura e das relações que ele foi criando com os livros, consigo mesmo, com os outros e com o mundo a partir da mediação da leitura. A escolha por esse objeto de estudo foi motivada pelo interesse que me despertou a postura diferente e inusitada de um aluno da escola em que realizei o Estágio Supervisionado IV do Curso de Licenciatura em Educação do Campo¹. Esta etapa do percurso formativo do futuro professor se organiza em dois momentos: o momento de observação e o de regência. Foi nessa ocasião que tive a oportunidade de conhecer um aluno extraordinário, que me chamou atenção pela sua maneira muito diferenciada de interagir em sala de aula quando se tratava de estudar literatura.

Eu mesma não me considero uma leitora muito proficiente em se tratando de textos literários, mas me esforçava bastante na preparação das aulas de modo a garantir certa qualidade pedagógica, fosse na apresentação das obras, fosse na sua discussão, pois acredito que é nosso dever como professores oportunizar o máximo que pudermos a nossos alunos o contato com a cultura escrita, com o legado cultural que nos antecede, no caso específico em questão, com a literatura. Ainda mais em se tratando de alunos do campo, cujo contato com livros é menos comum do que na cidade (pelo menos era o que achava).

Durante os Estágios Supervisionados no ensino médio, depois de observarmos as aulas do professor regente, precisamos contribuir com intervenções didáticas, ministrando aulas. Nessa intervenção, temos de ser criativos, mas não podemos alterar completamente o roteiro do professor titular, especialmente no terceiro ano, por causa da necessidade de preparar os alunos para o ENEM/Exame Nacional de Ensino Médio. Assim, eu consultei previamente o docente da turma onde eu iria estagiar e me acerquei dos temas/conteúdos que ele estaria trabalhando com a turma naquele período. Coincidiu justamente de ser literatura brasileira contemporânea.

¹ Como em todas as licenciaturas, neste Curso os estudantes precisam perfazer um total de 400 horas de Estágio Curricular obrigatório; essa carga horária é dividida em quatro períodos de 100 cem horas cada um: Estágio Supervisionado I e II (no ensino fundamental); Estágio Supervisionado III e IV (no ensino médio). Embora não haja oferta regular de ensino médio nas comunidades rurais, na comunidade onde moro esse nível de escolarização é ofertado pelo Sistema Modular de Ensino/SOME no prédio da escola municipal Nova Fronteira.

Desde o início do estágio de observação, que durou dez horas-aula, já comecei a perceber que um aluno fazia observações muito pertinentes sobre as coisas que o professor falava a respeito das obras que estavam sendo trabalhadas, demonstrando inclusive já conhecer várias delas. Comecei a ficar receosa porque em breve seria eu ali na frente e, mesmo já estando na universidade, não tinha lido todos aqueles livros. O que eu ia dizer se aquele menino me fizesse certas perguntas? Como iria explicar para ele e seus colegas que não conhecia tais livros embora estivesse praticamente terminando uma licenciatura na área de letras/linguagens?

Manifestei meu receio ao professor regente e ele me tranquilizou, mas sugeriu que eu desse um jeito de, pelo menos, saber de que tratavam as obras previstas no programa daquela turma. Assim eu fiz. Busquei conhecer tais obras, preparei as aulas do estágio de regência da melhor forma que pude e tentei colocar em prática uma premissa básica do trabalho docente que estava aprendendo na universidade: ao ensinar, também aprendemos, pois não estamos prontos, terminados, e nem somos os únicos portadores de conhecimentos (cf. FREIRE, 2013).

Concluí o Estágio Supervisionado IV, o último do curso, com relativo sucesso e com um estranho sentimento de que precisava entender melhor a relação daquele aluno com a literatura, conhecer suas experiências de leitura e, quem sabe, aprender com ele a ler mais e melhor, assim como reunir elementos que pudesse me ajudar a despertar em outros alunos aquela curiosidade, aquele tão almejado gosto pela leitura, pois eu começava a repensar algumas afirmações que sempre ouvia a respeito da suposta apatia dos jovens pelos livros, de seu suposto desinteresse por literatura. Ao reencontrar minha supervisora de Estágio, por ocasião do Tempo-Universidade², comentei com ela a experiência surpreendente que havia vivenciado e ela me fez uma provocação: por que você não estuda sobre isso no TCC?

E assim se consolidou a vontade de realizar esta pesquisa, cujos principais resultados apresento aqui. O texto está organizado em duas seções: na primeira apresento o percurso metodológico que orientou a realização deste trabalho; já na

² A licenciatura em Educação do Campo é intervalar, dividida em dois momentos, um desses momentos é o Tempo-Universidade que é o período em os estudantes retornam de suas comunidades para a universidade, iniciando assim mais um ciclo de estudos.

segunda, são apresentados os resultados obtidos a partir da análise de alguns elementos da trajetória de vida do protagonista desta história.

METODOLOGIA

Ao decidir sobre o que tratar nesta pesquisa, eu tinha bastante clareza a respeito objeto de estudo, mas estava bastante ‘verde’ quanto à maneira como iria fazê-lo, pois quase não conhecia trabalhos com esse tipo de abordagem e a questão que então se colocava não era exatamente encaixar ou enquadrar o trabalho em um modelo metodológico consagrado de forma a legitimá-lo deixando menos vulnerável a críticas, a questão era mais sobre que estratégias e recursos utilizar para “capturar” o objeto em estudo de forma mais ampla e profunda.

Eu queria entender como aquele jovem, morador de uma comunidade rural, filho de pais pouco escolarizados, havia tido contato com a literatura e como suas práticas de leitura o haviam influenciado a tal ponto de ele, ainda no ensino médio, tendo continuado a morar no mesmo local, ter se tornado aquele tipo de leitor tão raro. Conversando com minha orientadora, chegamos à conclusão de que uma boa forma de me acercar do meu objeto de estudo era tratar dele com o próprio sujeito-leitor.

Assim, após a escolha do tema, a primeira decisão foi perguntar ao próprio jovem se ele aceitaria participar da pesquisa, contando sua história de vida e suas experiências de leitura. Tendo sido afirmativa sua resposta, comecei a esboçar os caminhos pelos quais trilharíamos para chegar ao objetivo do estudo, qual seja, dar a conhecer uma história singular e improvável de encontro com a literatura e os desdobramentos desse encontro na vida de um jovem do campo.

O segundo passo que dei foi tomar cuidados para delinear um perfil para o estudo: eu não queria cair na facilidade de uma abordagem individualizante que certamente me levaria a endeusar o rapaz, descontextualizando sua história e romantizando sua experiência de leitor. Então me perguntei sobre o que tornava aquela história tão singular? Para responder a essa pergunta, vi que havia outra anterior a ser respondida primeiro: por que os outros jovens não tinham experiências parecidas, já que vivemos em uma sociedade em que, pelo menos teoricamente, todos têm os mesmos direitos? Foi em Paulo Freire que encontrei uma baliza inicial para ter um parâmetro menos individualizante para a minha reflexão:

Em sociedade que exclui dois terços de sua população e que impõe ainda profundas injustiças à grande parte do terço para a qual funciona, é urgente que a questão da leitura e da escrita seja vista enfaticamente sob o ângulo da luta política a que a compreensão científica do problema traz sua colaboração. (FREIRE, 2008, p.9)

Analisando a questão por esse ângulo sugerido por Freire, me dei conta de dois aspectos que foram muito importantes para a pesquisa: eu precisava ver aquele jovem leitor inserido em seu grupo social imediato (família e comunidade) e precisava relacionar esse fator de pertencimento a questões sociais, econômicas e culturais sem contudo cair em determinismos de qualquer tipo. Buscando saídas a este impasse, cheguei à instigante contribuição de Norbert Elias em suas esclarecedoras análises das relações entre indivíduo e sociedade, especialmente na obra em que trata da história do músico Wolfgang Amadeus Mozart.

Em termos de uma definição mais precisa sobre a questão da abordagem de pesquisa, posso dizer que se trata de uma pesquisa qualitativa – assim entendida porque prioriza, segundo Oliveira (2008, p. 37), a análise e a interpretação da realidade ao invés de se prender a dados quantitativos.

[...] Entre os mais diversos significados, conceituamos abordagem qualitativa ou pesquisa qualitativa como sendo um processo de reflexão e análise da realidade através da utilização de métodos e técnicas para compreensão detalhada do objeto de estudo em seu contexto histórico e/ou segundo sua estrutura [...].

De acordo com a autora, a pesquisa qualitativa é de fundamental importância quando o objeto de estudo apresenta certa complexidade sendo de natureza social, acrescentando assim mais qualidade à pesquisa. Assim, escolhi a “história de vida” como caminho privilegiado de produção de dados.

A categoria ‘História de Vida’, como metodologia, é uma inovação no processo de coleta e produção de dados nas ciências humanas (cf. MAESTRI & MINDAL, 2013). Traduzido inicialmente do francês “*récit de vie*”³ (cf. LOPES, 2009), essa expressão pode assumir significados diferentes conforme cada enquadre teórico-metodológico, mas mantém um núcleo semântico relativamente estável em se tratando da possibilidade de investigar um determinado fenômeno a partir da ótica dos sujeitos que o vivenciaram, privilegiando o ponto de vista do narrador.

³ BERTAUX, D. *Les récits de vie*. Paris: Nathan Université, 1997 (citado por LOPES, 2009, p. 292).

Deste modo, diferencia-se do “estudo de caso” porque o pesquisador não busca verificar ou confirmar a autenticidade dos fatos: aqui o importante é a palavra de quem viveu o que está contando.

Para Lopes (2009), é possível caracterizar a prática social de um grupo por meio do relato de histórias de vida individuais, pois todo relato pessoal traz à luz de alguma forma uma quantidade de valores, definições e atitudes do grupo ao qual o indivíduo pertence. Esta autora afirma, de acordo com Daniel Bertaux, que:

[...] toda história de vida orientada para as práticas do sujeito e para os contextos sociais dessas práticas comporta necessariamente numerosas indicações sobre fenômenos propriamente sociais, mas não devemos esperar que tais fenômenos e suas lógicas apareçam explicitados como tais pelos entrevistados, é preciso identificar nos relatos as informações que remetem a mecanismos sociais que marcaram a vida das pessoas e que são considerados como indícios de uma significação propriamente sociológica. (LOPES, 2009, p. 293)

Desta forma, busquei por meio de entrevistas com o jovem leitor protagonista desta pesquisa captar elementos de seu encontro com a literatura visando entender essa relação pessoal tão singular e improvável, sem perder de vista a “significação propriamente sociológica” de tal experiência.

Para a obtenção dos dados desta pesquisa, realizei várias conversas informais sobre variados assuntos e algumas entrevistas orientadas mais especificamente para a questão de suas experiências de leitura literária. Boa parte desse material foi produzido no segundo semestre de 2018, e algumas questões foram retomadas em novas entrevistas no primeiro semestre de 2019.

O lócus da pesquisa foi uma escola pública localizada na Agrovila Nova Fronteira pertencente ao município de Medicilândia-Pará. Esta escola tinha antes o mesmo nome da agrovila, Nova Fronteira; no entanto, no dia 30 de junho de 1985 em sessão ordinária da reunião de pais e mestres, foi trocado o nome para “Gaspar Vianna” em homenagem ao cientista paraense. Dentre os três nomes cotados, inclusive o de pessoas desta localidade já falecidas, foi escolhido este.

Esta escola, embora seja de ensino fundamental e, por isso, de responsabilidade do município de Medicilândia, oferta o ensino médio pelo SOME (Sistema de Organização Modular de Ensino, da Secretaria de Estado de Educação do Pará). Foi nesta escola que realizei o Estágio Supervisionado no ensino médio, no período noturno, ocasião em que conheci o jovem protagonista deste estudo.

A comunidade onde esta escola se localiza, agrovila Nova Fronteira, surgiu na década de 1970, quando o Governo Federal iniciou um grande projeto de Colonização e Reforma Agrária, enviando milhares de famílias de várias regiões do país para “desbravar a Amazônia”, com o lema: “Terra sem homens para homens sem-terra”.

No ano de 1972 algumas famílias fixaram residência no Km 80 da Rodovia Transamazônica, município de Prainha, surgindo assim a Agrovila⁴ Nova Fronteira, que tinha 48 casas de madeira, construídas pelo Instituto de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), uma escola também de madeira com duas salas, uma cozinha e uma secretaria (funcionava apenas de 1º a 4º série do 1º Grau), era coordenada pela 12º URE da SEDUC, localizada em Altamira; havia ainda um posto de saúde construído em alvenaria e administrado pela Fundação Nacional de Saúde (FSESP).

Os pais do nosso jovem leitor vieram para a Transamazônica nessa leva migratória, ainda crianças, com seus pais, os avós dele.

A HISTÓRIA DE UM JOVEM DO CAMPO E SEU ENCONTRO COM A LITERATURA

Cristiano Pereira do Nascimento nasceu dia 20 de setembro de 2000, filho de pais agricultores residentes na Agrovila Nova Fronteira km 80, Município de Medicilândia, Pará. Tem quatro irmãos, sendo dois meninos e duas meninas, três estudam o Ensino Fundamental Menor e uma terminando o Ensino Médio. Segundo ele, no seio de sua família sempre houve alguns conflitos, pai e mãe se separavam e voltavam constantemente, entre essas idas e vindas Cristiano foi morar com seus tios quando tinha por volta de cinco anos de idade; voltou a morar com sua mãe três anos mais tarde. Seus pais se separaram definitivamente quando Cristiano tinha de sete para oito anos, e atualmente não mantém muito contato com seu pai.

Iniciou sua vida escolar ainda em casa, sua mãe foi quem lhe ensinou as primeiras lições, embora tenha estudado apenas as séries iniciais do ensino fundamental – o que não a impediu de incentivar os filhos a trilhar o mundo dos livros. O pai de Cristiano é analfabeto, como tantos outros agricultores que residem nesta agrovila.

⁴ As informações sobre o início da formação da agrovila Nova Fronteira na década de 1970 foram retiradas de um documentário, que conta a história de uma das primeiras famílias que chegaram à região, Vidas Vividas 50 anos de Casamento e 29 de Transamazônica, Família Trevisan, Julho de 200.

Sabemos que embora não seja determinante, uma fase importante na vida escolar do cidadão é alfabetização. Se esse ritual de iniciação for positivo, aumenta as chances de uma continuidade sem maiores quebras. Com relação a sua alfabetização, Cristiano lembra e nos diz o seguinte:

Foi minha mãe quem me ensinou no começo de tudo, mesmo tendo cursado apenas o Ensino Fundamental Menor, meu pai por sua vez nunca estudou, é analfabeto, ambos são agricultores e não tiveram muita oportunidade de estudo, e, é justamente pela ausência de estudos de meus pais, que valorizo tanto a oportunidade de estar estudando. (Cristiano, entrevista em 2019).

Aqui vemos a presença forte da figura materna atuando no sentido de criar no filho as disposições necessárias ao enfrentamento das adversidades pela via da formação escolar. Apesar de seus dramas familiares, Cristiano sempre foi alegre, persistente, curioso. Sua mãe, Dona Rita, uma mulher trabalhadora que criou e cria com muitas dificuldades seus filhos, foi muito maltratada pela vida; quando criança teve que abandonar os estudos para ajudar os pais na roça, sendo assim não conseguiu ter outro futuro se não de dona de casa, sofreu muitas humilhações por parte do seu companheiro, até que um dia conseguiu se libertar.

Essa ligação muito forte entre Cristiano e sua mãe se manifesta de diversas formas, ela o incentiva sempre a buscar uma vida melhor; assim, o jovem foi se constituindo um espírito inquieto; foi aprendendo a enfrentar dramas e conflitos de forma leve, sem acomodar. Enxergou nos estudos a oportunidade de mudar a sua vida desde muito cedo e entrou nos universos dos livros. Sem muita oportunidade de adquirir livros para que pudesse realizar suas leituras, ele contou com a generosidade de alguns de seus professores que sempre lhe passavam livros (alguns digitalizados) para que ele se aprofundasse mais em suas leituras.

De acordo com as respostas e até mesmo observando sua fisionomia durante a entrevista, percebo que Cristiano tem plena consciência do prejuízo que o analfabetismo causa na vida de uma pessoa. Quando perguntado a respeito do papel da educação escolar em sua vida, ele responde: *“A educação é tudo na vida de uma pessoa; muitas pessoas reclamam que a educação pública está defasada, em parte é verdade, mas tudo depende de como você encara os fatos da sua realidade”.* (Cristiano, entrevista em 2019).

De acordo com seus relatos, foi com sete anos de idade que Cristiano teve seu primeiro contato direto com a escola, iniciava-se naquele momento uma vida de muitas descobertas, paixões e transformações. Ele afirma ter sido uma criança quieta que sempre buscava se concentrar ao máximo nas aulas. Teve uma infância muito humilde, porém sempre acreditou na possibilidade de mudanças.

Na adolescência, se destacou pela grande facilidade de conversar com quem quer que fosse, embora se defina como uma pessoa tímida. Apesar dessa sua característica, diz que sempre soube se expressar bem. Nas horas de lazer seu melhor passatempo é a leitura, da qual também faz uso para se distrair dos problemas “e levar a vida de forma mais leve”; sempre que podia se dedicava às leituras, leituras essas que com o passar do tempo lhe proporcionavam um mundo paralelo a sua realidade.

Cristiano descobriu o prazer pela leitura ainda no ensino fundamental menor. Ele diz que sua principal incentivadora na escola foi a professora Isabele Santos. E ele foi se apegando à leitura para tentar se distrair dos grandes conflitos que presenciava em casa entre seu pai e sua mãe; buscava com a leitura uma forma de superar as atribulações do seu dia a dia. Ele lembra que sua professora fazia rodas de leituras diárias e que tudo isso fez com que ele se apaixonasse cada dia mais e mais pelos livros, a leitura tinha o poder de lhe tirar da realidade.

Para Cristiano, mesmo diante de todas as dificuldades nunca se deixou abater, sempre seguiu em frente de cabeça erguida, se colocando como uma pessoa que era capaz de lutar por seus sonhos, com uma visão de mundo diferenciada, uma visão que lhe dava consciência da sua realidade, mas que ao mesmo tempo lhe dava subsídios para continuar a sua busca por uma vida melhor, por uma realidade melhor. Ao ser perguntado se isso tem a ver com suas experiências de leitura, ele diz o seguinte:

*A leitura te proporciona visão de mundo, as pessoas que leem provavelmente não serão alienadas, pois as mesma têm opiniões próprias, no entanto as pessoas que não leem são como folhas secas que o vento leva para onde quer, na vida tudo pode se transformar com um pensamento positivo guiado por belas palavras”.
(Cristiano, em entrevista para este trabalho em abril de 2019)*

Com relação ao poder das palavras, Larrosa nos diz que [...] também tem a ver com as palavras o modo de como nos colocamos diante de nós mesmos, diante dos outros e diante do mundo em que vivemos. E o modo como agimos em relação

a tudo isso. (LARROSA, 2002, p. 21). Não se trata, é claro, de conferir à literatura uma carga moralizante ou pedagógica, mas de reconhecer que o encontro com outras formas de vida, embora ficcionais, pode modificar nossa maneira de ver o mundo, pode nos aproximar da dor do outro, nos sensibilizar.

Ao ser indagado sobre o que lia, Cristiano responde que “lia de tudo um pouco curiosidade, ficção, notícia”, porém a leitura que sempre lhe prende a atenção são aquelas que lhe tocam por alguma semelhança com sua própria vida e, por isso, o levam a interpretar a sua realidade, ele fala de “leituras que agregam” as suas experiências de vida.

Diferentes autores (cf. GERALDI, 2006) têm tratado da importância da diversidade de material de leitura como um fator importante no desenvolvimento das competências leitoras de crianças e adolescentes. Não se trata simplesmente de deixar os jovens leitores submersos e perdidos num mar de informações, à deriva, pois, como nos lembra Larrosa, “A informação não é experiência. Experiência são as lições que obtemos depois que passamos por determinadas situações, as coisas que nos tocam” LARROSA, 2002, p. 21).

E o que toca nosso jovem leitor? Cristiano afirma que passou por várias situações difíceis que levará consigo pelo resto da sua vida; ao ser questionado quanto ao fato de que muitas pessoas passam por situações difíceis, ele reage dizendo que tomou tais dificuldades como forma de experiência, experiência de vida, porque a refletir sobre seus conceitos e objetivos, e a defendê-los, pois pessoas da sua própria família o questionavam: “para que tanta dedicação se isso não leva a lugar nenhum?”:

*Muitas pessoas falavam que era bobeira minha, perder tanto tempo nos livros... até mesmo pessoas da minha família, mas sempre tive um objetivo, hoje estou cursando uma faculdade pública, não era o que eu queria, mas Deus sabe o que faz e eu não reclamo'.
(Cristiano, em entrevista para este trabalho em abril de 2019)*

Quando perguntei de onde vinha o interesse pela leitura, essa obstinação pelos livros, já que, aparentemente, essa não era uma constante em seu grupo familiar, ele responde que depois de sua mãe foi na escola que ele aprendeu a gostar de ler. Cristiano frequentava bastante a biblioteca da escola, mas suas leituras estavam ficando prejudicadas pela falta de novos livros no acervo da biblioteca, pois já havia lido praticamente todo o acervo que estava disponível. Isso

mudou quando Cristiano iniciou o ensino médio, um período em que se intensificou ainda mais sua paixão pela literatura⁵ e tudo o que a cercava, ele passou a conhecer histórias escritas em uma época distante, mas que parece que foram escritas para nosso tempo.

Ele se diz encantado pelos mistérios e principalmente pela forma como a literatura consegue mostrar as mazelas da vida humana ao mesmo tempo em que ressalta a beleza, a sensibilidade e nos faz melhores. Esse encontro se tornou cada vez mais especial quando o professor de literatura, percebendo todo o seu interesse, passou a lhe trazer leituras literárias extras, a fim de ajudá-lo a seguir em sua formação como leitor.

Cristiano reconhece que a literatura tem uma importância fundamental em sua vida, pois após ter acesso a ela todo o seu universo mudou: “*A mesma nos proporciona fazer interpretações de fatos e acontecimentos sobre a nossa vida e tudo ao nosso redor, que antes seriam impossíveis, interpretações sobre a nossa realidade*”. (Cristiano, *Entrevista 2019*). Rildo Cosson, sobre a influência positiva da literatura em nossa vida, afirma que:

A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada. É mais que um conhecimento a ser reelaborado, ela é a incorporação do outro em mim sem renúncia da minha própria identidade. (COSSON, 2016, p. 17)

De acordo com o autor, a literatura contribui e muito com a comunicação e diálogo entre as pessoas uma vez que por meio dela passamos a refletir sobre as dores dos outros nos tornando mais sensíveis diante do próximo sem perder a nossa configuração identitária. Experiências de leitura literária podem ampliar o horizonte de perspectivas de uma pessoa, levando-a a se deslocar de seu aqui-agora e projetando-a para além desse contexto imediato de tempo-espaço.

Um jovem do campo, sem muitas expectativas de vida, tanto por conta de seu contexto familiar quanto pelo contexto de seu grupo social, rompe com uma série de barreiras e projeta sua vida numa perspectiva pouco usual. Torna-se autor da sua própria história, superando uma realidade pré-determinada pelas dificuldades, enfrentando-as sempre com o propósito de sair mais forte.

⁵ As obras que Cristiano mais gostava de ler eram de Guimarães Rosa, Ferreira Gullar, Machado de Assis etc...

Nosso jovem leitor é um daqueles casos que tinha tudo para ser apenas mais um na estatística de fracasso que ronda os poucos jovens do campo que conseguem chegar ao ensino médio; no entanto, ele driblou barreiras, escapou de todas estas estatísticas previsíveis para a sua realidade, não limitou seus horizontes. Como explicar um caso como esse? Qual a interferência da experiência de leitura literária na vida desse rapaz? Para Rildo Cosson (2016),

O segredo maior da literatura é justamente o envolvimento único que ela nos proporciona em um mundo feito de palavras. O conhecimento de como este mundo é articulado, como ele age sobre nós, não eliminará seu poder, antes o fortalecerá porque estará apoiado no conhecimento que ilumina e não na escuridão da ignorância. (COSSON 2016, p. 29).

Ao utilizar a literatura como forma transformadora da nossa realidade, estamos afirmando que a mesma tem o poder de fornecer um conhecimento amplificado, levando em consideração todas as experiências já vivenciadas pelo sujeito, fazendo com que o mesmo se aproprie de todo o seu conhecimento com o intuito de se subsidiar de informações para continuar com o objetivo de se transformar em alguém capaz de mudar o mundo a sua volta.

Durante o Estágio Supervisionado, dentre todos os alunos, Cristiano chamava mais atenção pela sua postura diante dos questionamentos em sala, sempre estava interessado em saber mais e a todo instante fazia comentários sobre os temas debatidos na aula de literatura. O professor titular da turma chegou a comentar em um tom de brincadeira que Cristiano era mais participativo do que o próprio professor.

Ao nos perguntarmos o que faz com que um jovem se diferencie tanto dos outros do seu meio, podemos encontrar o professor de literatura como um interlocutor privilegiado, que apoia esse jovem, estimula sem julgar, empresta livros, conversa, se dispõe a estar por perto mais como companheiro de aventura do que como fiscal. Nessa direção, o escritor francês Daniel Pennac nos dá uma preciosa dica:

Ele [o jovem] é um público implacável e excelente. Ele é, desde o começo, o bom leitor que continuará a ser se os adultos que o circundam alimentarem seu entusiasmo em lugar de pôr à prova sua competência; estimularem seu desejo de aprender, antes de lhe impor o dever de recitar; acompanharem seus esforços, sem se contentarem de pegá-lo na curva; consentirem em perder noites em lugar de ganhar tempo; fizerem vibrar o presente sem brandir a

ameaça do futuro; se recusarem em transformar em obrigação aquilo que era prazer, entretanto esse prazer até que ele se transforme em dever, fundindo esse dever na gratuidade de todo aprendizado cultural, fazendo com que encontrem assim, eles próprios, o prazer nessa gratuidade. (PENNAC, 1993, p. 55).

Vemos aqui a importância do papel de leitores mais experientes, que deve ser o papel do professor de literatura. Conforme já vimos com Freire (2008), em uma sociedade que exclui mais de um terço de sua população do acesso a bens culturais importantes como a leitura e a escrita, a escola acaba se constituindo na principal agência de democratização desses bens. E o professor de língua portuguesa/literatura se torna o principal intermediário entre os alunos e o legado literário.

Infelizmente, a realidade que encontramos nas escolas não é muito favorável aos jovens leitores iniciantes. Diferentemente do que sugere Daniel Pennac, resultados de diferentes estudos sobre o assunto mostram uma escola que, via de regra, não oportuniza experiências literárias enriquecedoras, apenas julga, controla e pune (cf. MAGNANI, 2001; SANTOS, 2018, entre outros).

A educação, como arma de transformação social, nunca esteve à disposição de todos, pois os cidadãos pobres sempre sofreram com as desigualdades sociais; no caso dos povos do campo, essa desigualdade é mais acentuada ainda. Diante dessa realidade, fiz um questionamento sincero e curioso: como um sujeito que tinha tudo para ser um “ninguém” na vida, diante de seu contexto familiar e social, consegue driblar todas as dificuldades e se tornar alguém diferenciado? É o próprio Cristiano que nos responde:

O sentimento de estar sempre buscando meios para ter uma vida melhor surgiu desde muito cedo, quando ainda era criança e presenciava todas as dificuldades que minha mãe passava para poder nos sustentar; ao invés de me aborrecer com a vida e me posicionar como mais uma vítima das desigualdades sociais, eu quis mudar. (Cristiano, entrevista em 2019)

Cristiano decidiu se rebelar, escolheu ser uma pessoa que luta por seus objetivos, mesmo não tendo condições financeiras, não estudando em um colégio renomado, e diante de forte desigualdade social; ele, com a contribuição da literatura, com o suporte afetivo da mãe e apoio de alguns professores, deixou de ser apenas mais um filho de uma família pobre da roça e passou a ser alguém que luta e vai em busca de transformações.

Cristiano é uma prova viva que o fato de que uma pessoa ser de uma família humilde e que sente na pele todos as marcas da desigualdade social, não tendo acesso a uma educação escolar de qualidade, não tendo acesso a livros básicos para leitura, não terá que ser necessariamente uma pessoa parada no tempo, que vai viver sempre na mesmice sem nenhuma perspectiva de vida diferente; muito pelo contrário, dificuldades todos enfrentam e a grande diferença está em como você vai se comportar diante das adversidades da vida. Da infância marcada por dramas familiares, pobreza, ausência paterna, ele vai se constituindo um outro;

Quando criança frequentemente sofria com os conflitos que havia dentro de casa entre meus pais, que se separaram e voltaram mais de uma vez, entre essas idas e vindas fui morar com meus tios quando tinha mais o menos cinco anos de idade. Foram tempos depois; voltei a morar novamente com meus pais; depois, quando tinha sete anos de idade eles se separaram definitivamente. Atualmente não tenho muito contato com o meu pai". (Cristiano, entrevista em 2019)

Quando perguntado sobre que efeitos a leitura pode ter tido em sua vida, é possível perceber aquele efeito de sublimação que a literatura pode ter, de que alguns autores falam. Cristiano diz que todo esse sofrimento lhe deu força e coragem para seguir com o propósito de mudar a sua realidade; o que mais chama atenção é justamente a capacidade que ele tem de conseguir filtrar os problemas, a ausência de seu pai, não deixando que isso o tornasse uma pessoa frustrada com a sua própria existência.

[...] Sempre tive conflitos na minha vida, como qualquer outra pessoa, a diferença é que eu tinha plena consciência de que somente eu poderia mudar a minha realidade, a literatura me tirava da realidade. A literatura proporciona uma visão de mundo que faz você refletir sobre sua realidade e te dá subsídios para enfrentar o mundo lá fora; as pessoas que não se preparam para enfrentar as adversidades da vida nunca saberão o quanto é bom você lutar pelos seus objetivos e não ser apenas mais um que não teve oportunidade na vida (Cristiano, entrevista em 2019).

Aqui poderíamos nos perguntar o que fez com que as aulas de literatura tenham tido um efeito sobre Cristiano e não sobre seus colegas. As aulas de literatura do terceiro ano sempre se iniciavam depois do intervalo, às 21h: 15 min e terminavam às 22:30, às segundas, terças e quartas feiras. A turma tinha 14 alunos, sendo a maioria mulheres; a faixa etária era bem variada, indo de 18 a 53 anos.

Dentre estes alunos, Cristiano se destacava pelos questionamentos, pela participação ativa, destoando bastante da média da turma. Desde o início do estágio de observação percebi que ele se dedicava bastante às leituras literárias; a todo momento estava a questionar o professor sobre o assunto e sempre tinha uma opinião sobre tudo; na turma ele era sempre o mais participativo, cheguei a me questionar como era possível ele ser tão participativo enquanto o restante da turma mal respondia quando lhes eram dirigidas as perguntas do professor.

No início do estágio de regência fiquei receosa de não conseguir lecionar, pois estava apreensiva com a presença do professor titular e ainda tinha a presença do Cristiano que a todo o momento sabia todos os conteúdos, parecia saber mais do que eu e o professor juntos.

Durante o planejamento das aulas o professor titular me ajudou muito com explicações e dicas de como atuar diante de possíveis situações que poderiam ocorrer; mas, no decorrer das aulas, quem me auxiliava era o aluno Cristiano. Nos debates sobre as obras literárias os demais alunos não se manifestavam, ele sempre fazia um comentário construtivo que ia me dando confiança para continuar com a aula. Uma determinada noite o professor titular precisou se ausentar da sala todo o período da aula e foi o Cristiano que me auxiliou. Tentado entender esse seu comportamento fora do comum, cheguei a Brito (2010), para quem, ao lermos atribuímos significados ao que lemos em função de outras experiências de leitura:

[...] Ler não é adivinhar e nem decifrar os significados. Ler é reformular esses significados tantas vezes quantas forem necessárias a partir do encontro entre novas ideias e opiniões, daí decorre a conclusão de que é nos textos e pelos textos que podemos adquirir a competência de operar criativamente, um tipo de saber cada vez mais singular na contemporaneidade, ressaltando que é na Literatura que o homem, por meio da palavra e de sua capacidade criadora, recorta parte da realidade, cria o texto por meio do qual manifesta seu discurso, que está presente na obra de arte, portanto a Literatura é arte, e como tal é manifestação da alma e inteligência humana [...]. (BRITO 2010, p. 02)

A literatura tem um poder transformador, quando lemos não só adquirimos conhecimentos e experiências, pois a literatura oferece ao leitor possibilidades múltiplas e formidáveis de crescimento, de ampliação de horizontes, de reflexões; ela possibilita viver em um mundo paralelo a sua realidade, mas sempre pensando nas chances reais de sua imaginação se concretizar na realidade:

[...] todos nós podemos ter uma vida plena e feliz, sem que a mesma esteja necessariamente ligada a riquezas ou status social, podemos vencer o mundo, sentir uma sensação de prazer misturada com realizações pessoais, é um encantamento para quem vive ou vivia desencantado, é a fórmula do sucesso para quem busca realizações profissionais e pessoais, é saber que o mundo está aos seus pés, basta termos a convicção de que tudo tem que partir da espontaneidade natural e não de uma obrigação, seja ela imposta pela família, sociedade ou escola (Cristiano, entrevista em 2019).

É claro que para se chegar a esse nível de fruição do texto literário é necessária a mediação de leitores mais experientes. E, no caso da presente pesquisa, esta é uma variável bastante importante, quase determinante para o Desenvolvimento das competências leitoras de Cristiano. O professor é alguém fora do comum, uma pessoa extrovertida, alegre e muito prestativa; sempre me ajudou em tudo que eu precisei. Com relação a sua metodologia, ele sempre buscava tirar o máximo dos alunos. Em suas aulas, sempre usava recursos da tecnologia, aliados com aulas expositivas, o que tornava essas aulas muito dinâmicas. Às vezes, por se tratar de leituras de romances, que são obras longas e densas, as aulas podem se tornar cansativas e enfadonhas; mas nesta turma era diferente, o clima era bem descontraído. As atividades que eram passadas pelo professor, e que posteriormente também foram passadas por mim, eram todas atividades preparadas no modelo do ENEM. Como o próprio professor dizia: *“para você exigir o melhor, antes você tem que oferecer o melhor”*.

CONSIDERACOES FINAIS

Neste trabalho busquei entender e dar a conhecer uma inusitada experiência de leitura literária em uma escola do campo. Para isso, utilizei um recurso metodológico específico, “a História de Vida”. Essa metodologia é uma abordagem que utiliza as experiências vividas pelo sujeito que o levaram a um processo de transformação pessoal. Segundo Josso (2004, p. 9), o sujeito em sua essência pode “transformar a vida socioculturalmente programada numa obra inédita a construir”. Essa transformação de vida perspectivamente acontece a partir do momento em que o sujeito toma consciência de si mesmo, da sua capacidade diante dos obstáculos e passa a encará-los de frente, enfrentando seus anseios, reinventando seus valores, seus objetivos e principalmente as próprias experiências que vivenciou e vivencia no decorrer de sua vida.

Tal abordagem implica buscar e tratar informações pessoais (através de entrevistas orais); por meio de seus relatos, o sujeito é capaz de fazer reflexões sobre acontecimentos pessoais e sobre a sua própria questão social, levando em consideração a todo o momento os fatores que influenciarão na sua tomada de decisões, de posicionamentos diante de si mesmo e de todo o seu contexto. Assim, o sujeito é colocado como centro de toda a pesquisa, pois é ele que relata toda a sua história, faz análises entre o seu contexto familiar e seus objetivos; sua narrativa tem uma função descritiva em que o sujeito mostra a capacidade de expressar suas imaginações ligando a sua realidade vivenciada a sua realidade almejada.

As abordagens aqui levantadas em torno da temática foram trabalhadas no sentido de contribuir para uma tomada de consciência sobre a importância da literatura na nossa vida; sobre como ela pode nos ajudar a inventar meios para mudar a realidade, pois pode nos humanizar, tornando-nos mais sensíveis à dor do outro.

Finalmente, gostaria de registrar que o sujeito desta pesquisa reconhece a importância a escola em sua vida. Sempre estudou em escola pública e cursou todo o seu Ensino Médio no Sistema de Organização Modular de Ensino/SOME. Apesar de grande parte da sociedade não reconhecer o SOME como uma educação de qualidade, é essa modalidade que existe nas comunidades rurais e que vem garantindo a oportunidade para as pessoas que moram no campo terminarem o Ensino Médio, possibilitando que as mesmas posteriormente possam ingressar numa universidade. Foi esse sistema de ensino que possibilitou a Cristiano ampliar suas competências de leitor e entrar em uma universidade pública.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e práticas** / Rildo Cosson. – 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

Elias, Norbert. **Mozart, sociologia de um gênio** / Norbert Elias. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez. 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

JOSSO, M.C. **Caminhar para si**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010 – **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

LOPES, Raquel. **O letramento selvagem**: um estudo sócio-antropológico da apropriação da escrita por trabalhadores rurais assentados em área de reforma agrária na região da Transamazônica. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Pará/Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais. UFPA/Belém, 2009.

MAESTRI, Rita de Cássia & MINDAL, Cara Brener. Metodologia de história de vida: a história de vida profissional de uma pessoa surda. **XI Congresso Nacional de Educação**. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. EDUCERE, 2013.

MAGNANI, Maria do Rosário Mortatti. **Leitura, literatura e escola**: sobre a formação do gosto. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa?** Petrópolis – RJ: Editora Vozes, 2008

PENNAC, Daniel. **Como um romance**. Trad. Leny Werneck. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

SANTOS, Sander Luys Reis dos. **Reflexões sobre o ensino de literatura em uma escola pública da Ilha do Marajó, no Estado do Pará**. Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Educação do Campo/Linguagem e Códigos. Universidade Federal do Pará/Campus de Altamira, Altamira, 2018.